



KOINONIA

MOSAICOS DA BÍBLIA

25

"Chamados para uma
mesma esperança - O
evangelho em distintas
culturas"

DAMÁSIO R. DA ANUNCIÇÃO
JUSTINO MARTINEZ PEREZ
LUÍS LINTNER
MILTON SCHWANTES
ZÉLIA SOARES DE SOUZA

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento das atividades de Bíblia em Koinonia.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), a publicação Mosaicos da Bíblia e Koinonia.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva a KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

EDIÇÃO: Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho

REVISÃO: Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho

DIAGRAMAÇÃO: Celso Reeks P. Padilha

São Paulo, janeiro a abril de 1997

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel.: (021) 224-6713
Fax.: (021) 221-3016

Alameda Barros, 833 / 102 Santa Cecília
01232-001 São Paulo - SP
Tel./Fax.: (011) 67-9570

SUMÁRIO

"CHAMADOS PARA UMA MESMA ESPERANÇA - O EVANGELHO EM DISTINTAS CULTURAS"

APRESENTAÇÃO	5
SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 1	6
SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 2-4	10
SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 5-7	13
SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 8-9	17
SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 10-12	20
SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 13-15	24
SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 16-17	28

APRESENTAÇÃO

Este número do **Mosaicos da Bíblia** consiste nos "Subsídios para os Estudos Bíblicos sobre Atos dos Apóstolos", da *Conferência Mundial sobre Missão e Evangelização "Chamados para uma mesma esperança - O Evangelho em distintas culturas"*, organizada pelo Conselho Mundial de Igrejas e realizada em Salvador/BA, em dezembro de 1996.

Estes estudos, formulados por um grupo de pessoas em sua contribuição à Conferência, mostram o caráter ecumênico ao acentuar três aspectos importantes:

- observações sobre o texto bíblico
- experiências com a Bíblia nas comunidades em que vivemos
- encontros com as religiões de origem africana.

Na América Latina a renovação das igrejas está passando pela Bíblia. A Bíblia é lida em meio à vida, para que se tenha mais vida. Esse jeito de ler a Bíblia é participativo. Nele o partir ou chegar, o ir e vir entre a Bíblia e a realidade é marcante. É *leitura comunitária, crente e popular*.

E isso acontece através de grupos, de milhares de comunidades bíblicas. Em grupos trocamos nossa sortes. Falamos das nossa dores e mortes. Sonhamos melhor. E inventamos caminhos para ir em frente. Os grupos, como pão e água, alimentam o dia-a-dia. A palavra de Deus escrita encontra eco na vida sofrida e narrada, e esta, de repente, se vê escrita na Bíblia. O grupo bíblico se torna chão fértil e indispensável onde a palavra frutifica. A palavra se faz vida no emaranhado da vida. E o seu encanto já está presente na vida e faz coisas lindas nas culturas e religiões.

Nos últimos tempos estamos aprendendo também a ver melhor as diversidades. Não havíamos considerado a pluralidade das diferentes experiências de Deus dentro das comunidades. Há quem só conheça a Bíblia. Mas muitos conhecem também outras expressões religiosas. Mas agora escutamos a Deus nas culturas, bem como interpretamos a Bíblia do lugar em que cada um se encontra. No Brasil a fé trazida por escravos e escravos africanos é muito importante. Aqui não podemos viver sem ter presente que a fé em Cristo foi parte do sistema de opressão.

Em Salvador as comunidades dos orixás são muitas. Estamos aprendendo a escutá-las, a confiar uns nos outros. Há encontros, círculos onde se escutam histórias bíblicas e histórias de orixás. Há beleza nesse encontro. Sem estes caminhos de paz não há como quebrar grilhões, partilhar perdão. Tal é a experiência de Bíblias que vamos experimentando...

Os editores

“Chamados para uma mesma esperança - O evangelho em distintas culturas”

SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 1

Gostamos da Bíblia lida em círculos

6

Nesta Conferência, os estudos Bíblicos acontecem em pequenos grupos. Estamos divididos em 33 círculos bíblicos, para compartilhar *Atos dos Apóstolos* e nossas vidas.

O mesmo ocorre pela América latina afora. A renovação das igrejas está passando pela Bíblia. Estamos redescobrimo a Bíblia em meio à nossa vida. E isso acontece através de grupos, de milhares de comunidades bíblicas.

Os círculos bíblicos são vitais porque sozinhos nada somos. Sozinhos estamos excluídos; sozinhas estamos liquidadas. Em grupos trocamos nossas sortes. Falamos de nossas dores e mortes. Sonhamos melhor. E inventamos caminhos para ir em frente, apesar de tudo.

Para nós, na América Latina, grupos são como pão e água. Alimentam o dia-a-dia. Fazemos leitura bíblica comunitária, crente, popular e militante. A palavra de Deus escrita encontra eco na palavra da vida sofrida e narrada, e esta, de repente, se vê escrita na Bíblia.

O grupo bíblico se torna tão fecundo e indispensável onde o tesouro da palavra ganha brilho e força. Aí se celebra em todos os sons e sentidos. A palavra se faz vida no emaranhado da vida. E - eis que maravilha! - este encanto da palavra já está presente na vida e faz coisas lindas nas culturas e religiões.

Nestes últimos tempos estamos aprendendo também a ver melhor as diversidades. Por exemplo, não raro há diferenças de experiência religiosa. Há quem só conheça a Bíblia. Mas muitos conhecem também outras expressões religiosas. No Brasil a fé trazida por escravas e escravos africanos é muito importante. Aqui não podemos viver sem ter presente que a fé em Cristo foi parte do sistema de opressão.

Em Salvador as comunidades dos orixás são muitas. Estamos aprendendo a escutá-las, a confiar nos outros. Há encontros, círculos que escutam histórias bíblicas e histórias de orixás. Testemunhamos que há beleza neste encontro. Sem estes caminhos de paz não há como quebrar grilhões, partilhar perdão.

E assim vamos experimentando as Bíblias...

Iluminando Atos 1,6-14

Atos dos Apóstolos contam das comunidades, da fé em Jesus. Ele, o Cristo, recebido nos céus insiste que discípulas e discípulos caminhem. O Cristo dos céus abre caminhos na terra! Neles cada pessoa vai tendo seu nome.

Sim, nestes versículos se ressaltam *nomes* de pessoas. São ditos muitos nomes. Dizê-los é conhecer e reconhecer. É valorizar. Ao contrário, esquecer o nome, não pronunciá-lo é deixar de lado histórias, identidades, memórias...

"Ao fim do caminho me dirão: - Você viveu? Você amou? E eu, sem dizer nada, mostrarei o coração cheio de nomes." (Pedro Casaldáliga)

7

Outro poeta, Manuel Bandeira, nos fala de um nome bonito, cheio de sentido e de paz: Irene! A ela dedica seu poema *Irene no céu*. "Irene negra, Irene boa, Irene sempre de bom humor. Imagino Irene entrando no céu: - Licença, meu branco! E São Pedro bonachão: - Entra, Irene! Você não precisa pedir licença".

Que bom seria se também Irene, tantas Irenes negras não tivessem que pedir mais licença na terra para entrar, estar, participar e que os espaços, os bens e os dons fossem partilhados na dinâmica do Espírito .

Estamos numa cidade, Salvador, em que os nomes foram negados, os nomes das escravas e escravos. Aqui se luta para que seus nomes voltem a ser dignos.

Nós, em Cristo, estamos acostumados a dizer: nome vem pelo batismo. Está ligado à fé, à religião. Pois, também os nomes de negras e negros estão ligados à fé, à sua religião! É preciso ter o direito de nomeá-los.

Nossos versículos são anúncio do *Espírito*, de sua *dinâmica*. Ele concede coragem para ir a caminho, para não ficar a olhar para as alturas" (v.11).

O Espírito dinamiza para os caminhos. E, pelos trilhos afora, é liberdade. Nas escrituras o Espírito imana com liberdade.

Esta coragem de ir a esta beleza passa pelas comunidades. Elas são criaturas do Espírito. Elas são sedes de liberdade, da diversidade, como diz a canção: "E vem o Espírito Santo, usando os dons da mulher, pra encher o mundo de encanto, fazendo tudo o que quer."

Contudo, e isso preocupa, pode alguém querer transformar a dinâmica da liberdade e comunidade em *ocupação* de espaço em Jerusalém, na Judéia, em Samaria, por toda parte. Este elã conquistador assusta. Esta nossa cidade de Salvador foi sua vítima por séculos e séculos.

Certamente, nossos versículos não estão a serviço desta conquista. Mas, quase que faltam mulheres entre os nomes citados. Só Maria, mãe de Jesus está. E todas as demais? Esquecidas, sem memória?

E também preocupa que se menciona a Judéia (v.8) como lugar do testemunho, quando logo em seguida (v.16-19) se insiste no fim de Judas.

Testemunhar não há de querer desalojar ninguém, nem o povo de Israel e

nem as mulheres. Há de ser preciso dizê-lo, na força do Espírito, ao ler este capítulo 1, para que não pare dúvida. Pois, no Espírito vence a liberdade, desabrocha na diversidade.

Somos livres e temos nomes na força do Espírito, apesar da dor que continua...

Ah... quanta dor

8 E os turistas conversam: "Você já foi ao Pelourinho, não?"- "Então vá!" Esse diálogo forma parte do programa turístico de Salvador: visitar o Pelô!

Olha lá, o Pelourinho é memória de muita dor para o povo negro. A Praça Castro Alves, o Terreiro de Jesus e outros tantos lugares também foram cenários de tortura do negro.

O poeta capta estes gritos e interpela a Deus : "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes? Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes, embuçado nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito... Onde estás, Senhor Deus?" (Castro Alves)

O Pelourinho, centro da cidade e da economia colonial, era lugar de venda e tortura do negro. Os senhores colonos que ali moravam, com o tempo, passaram a abandoná-lo à procura de melhores espaços. Famílias negras de baixa renda foram viver no Pelourinho. Preservaram por décadas aqueles casarões decaídos. Até que chegou o Grande Projeto do Centro Histórico "Pelourinho, primeiro mundo!" O povo negro foi expulso para a periferia, recebendo uma indenização que, até hoje, clama aos céus! Mais uma vez os negros foram excluídos. O espaço foi ocupado por *chopp* e *shopping* dos novos senhores para encantar o turista!

Mas o povo negro, que nunca se rendeu, continua lutando e cantando com alegria: "Todo menino do Pelô sabe tocar tambor! Sabe tocar tambor!" Pena que agora os meninos e as famílias negras não morem por lá!

Contudo, nome de negro não se lhe tira. Seus nomes são chances de *encontros*.

Indo ao encontro - uma parábola

Quando Deus andou no mundo, a São Pedro disse assim:

Certa vez, Jesus reuniu os discípulos e as discípulas e disse: "Quando vocês forem anunciar o reino, não devem levar dinheiro nem comida, mas devem confiar no povo. Chegando num lugar, se vocês forem acolhidos e o povo partilhar comida e casa com vocês, e se vocês participarem da vida deles trabalhando e tratando dos doentes e do pessoal marginalizado, sem voz e sem vez, então podem dizer ao povo com toda certeza: "Gente! Olhe aqui! O reino chegou! Está chegando!" E eles foram.

Jesus também foi. Andou, andou. Já era quase noite. Estava começando a escurecer, quando chegou num terreiro. O pessoal que entrava, saudava e dizia: "Boa Noite, Jesus! Entre e sinta-se em casa. Participe com a gente!" Jesus entrou. Viu o

peçoal reunido. A maioria era pobre. Alguns, não muitos, da classe média. Todo mundo dançando, alegre. Havia muita criança no meio. Viu como todos eles se abraçavam entre si. Viu como os brancos eram acolhidos pelos negros como irmãos. Jesus, ele também, foi sendo acolhido e abraçado. Estranhou, pois conheciam o seu nome. Eles o chamavam de Jesus, como se fosse amigo e irmão de longa data. Gostou de ser acolhido assim.

SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 2-4

Indo ao encontro - uma parábola

No subsídio para o capítulo 1 citamos uma parábola. Ela quer promover o encontro. Neste novo subsídio, referente aos capítulos 3-4, estamos completando o conto, retomando-o desde o seu início.

Quando Deus andou no mundo, a São Pedro disse assim:

10 *Certa vez, Jesus reuniu os discípulos e as discípulas e disse: ... "Quando vocês forem anunciar o reino, não devem levar dinheiro nem comida, mas devem confiar no povo. Chegando num lugar, se vocês forem acolhidos e o povo partilhar comida e casa com vocês, e se vocês participarem da vida deles trabalhando e tratando dos doentes e do pessoal marginalizado, sem voz e sem vez, então podem dizer ao povo com toda certeza: 'Gente! Olhe aqui! O reino chegou! Está chegando!'" E eles foram.*

Jesus também foi. Andou, andou. Já era quase noite. Estava começando a escurecer, quando chegou num terreiro. O pessoal que entrava, saudava e dizia: "Boa Noite, Jesus! Entre e sinta-se em casa. Participe com a gente!" Jesus entrou. Viu o pessoal reunido. A maioria era pobre. Alguns, não muitos, da classe média. Todo mundo dançando, alegre. Havia muita criança no meio. Viu como todos eles se abraçavam entre si. Viu como os brancos eram acolhidos pelos negros como irmãos. Jesus, ele também, foi sendo acolhido e abraçado. Estranhou, pois conheciam o seu nome. Eles o chamavam de Jesus, como se fosse amigo e irmão de longa data. Custou de ser acolhido assim.

Viu também como a Mãe de Santo recebia o abraço de todos e como ela retribuía acolhendo a todos. Viu como invocavam os orixás e como alguns vinham distribuindo passes para ajudar os aflitos, os doentes e os necessitados. Jesus também entrou na fila e foi a té a Mãe de Santo. Quando chegou a sua vez, abraçou-a e ela disse: "A paz esteja com você, Jesus!" Jesus respondeu: "Com a senhora também!" E acrescentou: "Posso fazer uma pergunta?" E ela disse: "Pois não, Jesus!" E ele disse: "Como é que a senhora me conhece? Como é que eles sabem o meu nome?" E ela disse: "Mas Jesus, aqui todo mundo conhece você. Você é muito amigo da gente. Sinta-se em casa, aqui, no meio de nós!"

Jesus olhou para ela e disse: "Muito obrigado!" E continuou: "Mãe, estou gostando, pois o Reino de Deus está aqui no meio de vocês!" Ela olhou para ele e disse: "Muito obrigado, Jesus! Mas isto a gente já sabia. Ou melhor, já adivinhava! Obrigada por confirmar. Você deve ter um orixá muito bom. Vamos dançar, para que ele venha nos ajudar!" E Jesus entrou na dança. Dentro dele o coração pulava de alegria. Sentia uma felicidade imensa e dizia baixinho: "Pai, eu te agradeço, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste ao povo humilde aqui do terreiro. Sim, Pai, assim foi do teu agrado!" Dançou um tempão. No fim, comeu pipoca, cocada e batata assada com óleo de dendê, que o pessoal partilhava com ele. E dentro dele, o coração repetia, sem cessar: "Sim, o Reino de Deus chegou! Pai, eu te agradeço! Assim foi do teu agrado!" [esta parábola foi escrita por Carlos Mesters]

Esta parábola brota da força que, hoje, têm, em especial em Salvador, as comunidades dos orixás, os terreiros. Negras e negros não ficaram só ao denunciar as opressões sofridas. Também fizeram sua história. Lutaram por sua identidade. Criaram sua teologia que ajudasse a suportar a opressão e a criar vida, comunidade. Esta força passou e passa antes de tudo pelas comunidades de negras e negros.

As comunidades e as mães

Por certo, o Pelourinho, símbolo e memória de tantas lutas, continua hoje. Nas periferias, onde está presente a vida do povo negro, ainda se sofre por falta de infra-estrutura nos bairros populares. Mas, o que muito anima é que se está criando vida nova. Há organizações e resistência de negras e negros.

Quem fez essa história das comunidades foram as mulheres negras. Elas fizeram de tudo para guardar a identidade e a história do seu povo através de muitas formas. As práticas da casa foi o que manteve a identidade. Aí é que as mães passavam a filhas e filhos o jeito de fazer a comida, a comida nos dias certos. Aí aprendemos o sentido das cores. Fez-se a memória das roupas para nós e os orixás.

Além destes jeitos nossos de manter a memória, a teologia nossa, o sentido de comunidade, também foi necessário recorrer a instituições dos brancos. Em meio às suas opressões recriamos nossa cultura, mantivemo-la. E aí as irmandades nos ajudaram muito.

Irmandades era o que nos propunha a igreja. Nós as fizemos de nosso jeito. “As mulheres *nagô-iorubá* da nação *keto* reuniram-se na igreja da Barroquinha e formaram a Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte. Foi à sombra desta igreja que se reuniram os - primeiros participantes no culto dos orixás dessa nação *keto*, aqui em Salvador.”

Portanto, foram as mulheres negras (*iyadetá*, *iyakalá* e *iyanasso*, mulheres africanas libertas e outras) que utilizaram as irmandades e o próprio terreiro para guardar com muito carinho, luta e resistência, a cultura e identidade do povo negro.

Elas foram, como o Espírito, sementes de liberdade, de comunidade e de vida: de Axé!

Em meio a esta vida lemos a Bíblia...

É muito conflito...

Os capítulos 2-4, de fato, formam um conjunto. O evento do Espírito (v.1-13) leva a necessidade de Pedro explicar a novidade que está ocorrendo (v.14-36). Daí resulta a comunidade, numerosa em batizados e criativa na prática da partilha e comunhão (v.37-41+42-47). Esta mesma memória da intensa vida comunitária é mencionada no final do capítulo 4 (4,32-35). De resto os capítulos 3-4 mostram na prática o que é o evento do Espírito. É cura de enfermo, na gratuidade, não por “ouro e nem por prata” (3,6). Esta partilha gratuita reúne o povo, e é entendida como

provocação pelos senhores dos poderes. Nações e impérios, como o exprime 4,27, se voltam contra esta comunidade no Espírito da partilha, amizade, aconchego. Sim, as “nações se enfurecem” (4,25). O contexto literário acentua oposições. Discípulos e discípulos estariam “embriagados” (2,13). As autoridades ficam “contrariadas” e “recolhem ao cárcere”, “interrogam” (4,2-7).

Desse jeito e pior se lida com os pobres por estas terras latino-americanas. Comunidades vivem conflitos, com os de dentro das igrejas e os de fora.

Lemos estes capítulos 2-4 em ambiente de controvérsias. Os dois capítulos deixam claro que o redemoinho do Espírito suscita conflitos dentro e fora da comunidade.

E viva a comunidade

Nosso trecho específico - 2,1-13 +42-47 - realça a *comunidade*, a igreja. Aí culmina o capítulo 2 e este é o alvo do capítulo 4: a comunidade. A novidade, que ocorrera com o servo sofredor Jesus (3,13), e o evento do Espírito se afunilam para o comunitário.

E isto não é só o que agora se passa, em pentecostes. Esta perspectiva vem dos profetas, representados aqui por Joel. De longa data vem a expectativa do Espírito derramado em especial sobre escravas e escravos (Joel 3,2). E agora, nestes dias especiais, galileus são tomados pela força do Espírito de Deus.

Pentecostes reúne *estes galileus* e, como diz Joel, escravas e escravos, jovens e velhos. Assim, o Espírito faz comunidade, dando valor a quem não é dado valor. O Espírito vai dando força a partir de baixo. Este seu jeito precisa ser considerado.

A isso se junta a dimensão da *diversidade*. Falam-se as línguas de todas as culturas. No tempo do Espírito não se impõe uma língua só para todas as culturas, fato que aconteceu na conquista e colonização também do Brasil e continua acontecendo com as línguas indígenas. Ao fechar a fala, ao impedir as palavras de negras e de negros, de índias e de índios a diversidade do Espírito ficou arranhada, desarrumada.

E esta diversidade, de que testemunha 2,1-13, é diversidade justamente da cultura perseguida, proibida, afastada. Estes versículos não vão pelas estradas da “*pax romana*” mas da paz dos povos diversos, principalmente dos pequenos e seus dialetos. Bem que dizia Dom Pedro Casaldáliga: “Deus fala dialeto”.

Línguas eram *identidades*. A fé em Cristo celebra identidades diferentes e parceiras no caminho. Por isso, este capítulo 2 culmina precisamente no delineamento da comunidade, de suas práticas concretas, supostamente “pequenas”, e justamente por isso centrais, vitais.

Eis que assim um “pequeno” acontecimento em um “pequeno” grupo em Jerusalém toma dimensões internacionais, mexe com as “nações” (2,11; 4,27).

SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 5-7

Estes três capítulos de Atos são mesmo impactantes. Estão contados de modo vivo, dramático. Poderíamos dizer que aqui “se está fazendo a Bíblia”. Começemos por um testemunho desta Bíblia feita.

Bíblia se faz

É bem verdade: Bíblia se lê. Mas faz-se também, nos círculos bíblicos, espalhados por aí. Os círculos bíblicos de Ilhéus, na Bahia, contam o seguinte:

13

Antes de mais nada nos reunimos para nos preparar para a primeira etapa do Curso de Monitores, no sul da Bahia. Nesta reunião tomamos consciência da dura realidade de não termos dinheiro para 13 participantes. Daí surgiu uma chuva de idéias de como fazer para obtermos recursos, levando-se em conta que o compromisso era de todos.

Primeiro, surgiu a idéia de um bingo onde todos os participantes sairiam no comércio a pedir prêmios, como também todos venderiam as cartelas. Mas só isso não bastava. Foi preciso sairmos em busca de cerveja e refrigerantes grátis, para vendermos juntamente com um sarapatel em que cada participante contribuiu com os ingredientes. Foi realizada uma feira de artesanato, festival de pipocas, de geladinho, feira de cacareco, balaiô natalino. Com isso, adquirimos recursos para participar do Curso, algumas farinhas e manutenção da Kombi que nos transportaria ida e volta a Valença. Desde já repetimos que todos os participantes do Curso trabalharam ativamente e mostraram seu interesse em crescer na palavra de Deus [Boletim Fifó nº.23]

Desse e de outros mil modos os círculos bíblicos vão dando um jeito, “convocando a comunidade”, como diz Atos 6,2. Lêem a Bíblia. Aprendem-na. Fazem-na. Animados por esta experiência vamos aos Atos, em seus capítulos 5-6.

Relação com os capítulos 2-4

Parece haver uma relação intencional com os capítulos 2-4. Aqueles como que idealizam os primeiros passos das comunidades. Os dois resumos, 2,42-47 e em 4,32-35, reforçam esta tônica: aquelas primeiras comunidades eram mesmo bonitas. E a oferta de Barnabé, que tudo deu à comunidade, justamente confirma, na prática, o que aqueles resumos diziam.

Os capítulos 5-6 têm certa pretensão de pôr o outro lado, realçando dificuldades internas, principalmente em torno do poder.

Na vida dos orixás temos uma bela história a este respeito.

A vitória do papagaio

14 Descreve a antiga história que o sol, a lua, o fogo e o papagaio estavam reunidos em luta pelo poder, um querendo ser mais do que o outro. O papagaio foi o único que fez o ebó (=oferenda) determinado. Os outros disseram que não havia coisa nenhuma que lhes pudessem modificar as feições. Tendo o papagaio feito o ebó, os outros imediatamente mudaram de lugar. Houve muita chuva, a tal ponto que apagou o fogo e a tempestade, com todos os seus horrores, fez escurecer as nuvens. O grande vencedor foi o papagaio que, embora tenha se molhado muito, não perdeu a cor encarnada que existe em sua cauda. (Júlio Santana Braga, *Contos afro-brasileiros*, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980)

O poder do papagaio é mesmo inspirador. Tem cor e poesia. É a fonte a inspirar nossas histórias dos Atos.

Comunidade em lutas

As autoridades não suportam as comunidades. Este é um lado de suas dores. O outro é que, internamente, surgem desencontros e desacertos.

Continuam, à semelhança dos capítulos 3-4, as *perseguições das autoridades*. Até aumentam. No capítulo 7 chegam a seu auge, com o martírio de Estevão.

Os apóstolos são presos. As autoridades simulam interrogatórios. Subornam testemunhas. Mas apesar de toda esta sua força, têm medo do povo.

Mas, os apóstolos não recuam, ao contrário, avançam. Fora-lhes proibido falar, mas eles não se intimidam. Seguem com seus milagres e mantêm sua presença em meio ao povo.

Até há certa intencionalidade neste confronto com as autoridades. Pois, após serem milagrosamente libertos do cárcere, os apóstolos voltam a fazer justamente o que motivara a sua prisão. Há aí firmeza de confronto. Nestes sentido precisa ser entendida a afirmação: "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens"(5,29). Não é uma frase para recuar, mas para avançar no confronto com as autoridades opressoras!

Mas os *problemas* são também *internos*. Perspectivas contrárias se desenvolvem dentro da comunidade. O livro de Atos dos Apóstolos nos falará muito a respeito destes desencontros intracomunitários. Grupos com perspectivas distintas passam a opor-se, a excluir-se mutuamente, a denunciar-se. As cartas de Paulo nos darão muitos outros detalhes a respeito.

Aqui nos capítulos 5-6 estas desavenças internas são apresentadas pela primeira vez. Certamente assumem um sentido paradigmático em relação ao que ainda vem no livro. Os problemas enfocados hão de ter função exemplar.

E eis que são muito *concretos*! Os problemas com os quais a comunidade sofre são questões bem específicas, imediatas, cotidianas.

No começo do capítulo 5 o problema é o poder do dinheiro. O campo vendido por Ananias vira dinheiro e este se apodera dele e de Safira. Torna-se mais poderoso que o comunitário, que “à alimentação diária de quem mais precisasse à medida de suas necessidades” (2,45). Diante deste poder do dinheiro sucumbem ambos e a comunidade se abala. Ao invés do belo poder do papagaio, assume-se o poder da moeda forte.

Não é muito diferente o problema evocado no capítulo 6. Se bem que o texto atual talvez nem queira fornecer grandes pormenores dos problemas enfrentados, é claro que às viúvas estava sendo negada a comida.

Questões muito concretas estavam na ordem do dia. E foram sendo solucionadas, ora afirmando-se a validade do caminho comunitário (capítulo 5), ora criando-se novas tarefas para que as viúvas recebessem seu pão de cada dia (capítulo 6).

Em todo o caso, a solução foi comunitária. Em 6,1-7 isso chega a ser acentuado com especial dedicação: “convocaram a comunidade” (v.2). E aí na comunidade dos discípulos, de “homens e mulheres” (5,14) busca-se as soluções.

Os poderes que matam (campos, dinheiro, concentração) não crêm no comunitário. Juntam para poucos. Na comunidade dos discípulos e discípulas o Espírito junta um caminho conjunto. Por isso também estes capítulos 5-6 não deixam de expor os problemas internos e nem os consideram impróprios como preparação para a história que segue: a do martírio de Estevão. É que o comunitário é mesmo frágil, martirial.

Isso é como se acontecesse em nosso meio, ontem e hoje...

A polícia chegou...

Salvador, Bahia, 17 de dezembro de 1826. Uma tropa de cerca de trinta homens se dirige para as matas do Urubu, no Sítio Cajazeiras, perto da capital, para destruir um quilombo. O motivo pelo qual a polícia e a Divisão Militar se somam aos capitães-do-mato para este empreendimento é a suspeita de que os quilombolas “premeditavam apresentar uma revolução na cidade” unindo-se aos nagôs que moravam na capital. A tropa enfrenta cinquenta escravos aquilombados, armados de “facas, facões, lazarinas, lanças e mais outros instrumentos curtos” e abre fogo. Após alguma resistência, parte dos quilombolas aproveita a noite e foge para se reorganizar. Nessa ocasião foi presa a escrava Zeferina, de arco e flecha na mão, que lutou bravamente antes de ser submetida. Muito provavelmente ela estava na liderança do quilombo: “a maior autoridade da Bahia na época, o presidente da província, referiu-se a ela como “rainha”.

Após o ataque, a polícia iniciou a repressão e as batidas nas matas e casebres próximos ao quilombo. As autoridades encontraram assim materiais que denunciavam ligações com o quilombo e com o culto do candomblé. É fora de dúvida que os quilombos “tinham como centro diretor do movimento uma casa chamada Casa de Candomblé, próxima ao quilombo, dirigida por Antônio de Tal. Da Casa de Candomblé

estendia-se uma estrada que a ligava ao quilombo e pela qual ambos se comunicavam” . Além de roupas cheias de sangue foram encontrados instrumentos de culto, uma coroa com enfeite de búzios, contas de vidro de diferentes cores, panos, torsos e varinhas pintados predominantemente de vermelho.

16 *A ligação candomblé, quilombos e levantamentos de escravos era comum na cidade de Salvador, tanto para a polícia como para os cidadãos. Estar ligado aos cultos africanos era motivo de prisão por suspeita ligação com as insurreições. “Nagôs que faziam cerimônias a seus deuses ‘pagãos’, os orixás, eram denunciados algumas vezes para a Polícia, por vizinhos”. [Heitor Frisotti, Comunidade negra, evangelização e ecumenismo, em Cadernos de Pesquisa nº.1, Salvador, 1992]*

Negras e negros não deixaram de ser “caso de polícia”. É o que dizem as estatísticas no Brasil; basta considerar que entre os diariamente assassinados a maioria é composta de negros e, não poucos, são mortos por mãos policiais. Também nem de longe cessou a falta de respeito à religião do candomblé de parte do senhorio colonizador; em termos teológicos o candomblé ainda é massacrado.

SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 8-9

Atos 8-9 celebram gente nova nas igrejas: samaritano, etíope, Saulo, Dorcas, homens e mulheres. Fala-se de sua acolhida nas comunidades. Por isso, vamos começar com um acontecimento que conta o que se passou em Santa Luzia, num dos círculos bíblicos que existem entre nós. Chico mudou...

Bíblia com valentia

Aconteceu no sertão da Bahia, uns anos atrás, num lugar chamado de Santa Luzia. Tivemos nove meses sem chuva. Nos primeiros dias de dezembro é que ela veio com toda a força e encharcou a terra vermelha. No dia de Santa Luzia, o pessoal da aldeia se dirigiu à capela. Padre Luís, recém-chegado da Itália, caminhava e conversava no meio da turma, quando ouviu um tiro seco de revólver. Chegando perto, constatou, aliviado que a vítima fora uma cobra enorme que saíra da moita. Chico, um moço da altura de um Golias, guardou a arma e seguiu caminho. Todo mundo sabia que ele andava armado dia e noite e que não vacilava em tirar a arma em qualquer briga.

Um ano mais tarde. Sob o céu estrelado, de todos os lados, lamparinas vem se aproximando da casa de Chico e de Noêmia. É a reunião do círculo bíblico. Fala-se de Moisés e da sua cabeça dura em aceitar o chamado de Deus. "Pessoal" - entra Chico na conversa - "quem diria que comigo foi a mesma coisa. Há pouco tempo atrás a minha arma assustou o padrezinho italiano: hoje a minha única arma é a Bíblia". "E com esta vivemos mais felizes", se apressa a acrescentar Noêmia. Chico e Noêmia haviam ingressado no movimento bíblico.

Hoje Chico é um líder estimado e querido em Santa Luzia. Com os jovens levantou um barracão, hoje uma casa, para fazer reuniões da comunidade, hospedar quem está sem abrigo. Nesta comunidade os lavradores plantam e colhem os frutos da terra em mutirão, conserta-se estradas e prepara-se as festas todo mundo junto. Ninguém mais tem medo da valentia do Chico, mas, ao contrário, com ele no meio estão descobrindo o valor da valentia da Palavra.

Tais experiências nos animam a ler a Bíblia. Ela transforma! É o que vemos nos Atos.

Em novos lugares

Os capítulos 5-7 têm lugar em Jerusalém. Nisso se distinguem dos capítulos 8-9. Estes contam cenas que se deram em *novos locais*, em especial na Samaria, mas inclusive para além: em Damasco, em Jope. Até mesmo a Etiópia é mencionada. Esta ampliação dos horizontes relembra o começo do livro: 1,8.

Contudo, não se trata de novos espaços que são ocupados. Ao menos não no sentido que conhecemos esta ocupação/conquista de espaço pelo cristianismo na América Latina. O que está em jogo são *novos sinais* que aparecem em novos lugares. O evento do Espírito Santo faz-se sinal. Inclusive dialoga intensivamente com as

realidades peculiares em cada local: em Samaria com Simão, no caminho com o etíope que descia de Jerusalém. Em um e outro caso, a palavra é anunciada de modo diferente, respeitoso. Por isso, a obra do Espírito Santo “até os confins da terra” (1,8) não é uma luta por espaço que visa destroçar quem por lá se encontra, mas um novo sinal de vida plena. O evangelho, no Espírito, é como alimento nas culturas, não como a espada que nos quis matar, nas conquistas.

Em meio a estes dois capítulos, que testemunham do Jesus Messias que sinaliza liberdade, destaca-se no presente quarto estudo bíblico o encontro de Filipe com o etíope (8,26-40) e o de Paulo com ressurreto (9,1-19).

Acolhidos em comunidade

Impressiona como *dinheiro* e *poder* marcam as cenas. Simão quer comprar as bênçãos do Espírito. E nisso experimenta os poderes da morte. O etíope é “superintendente de todo o tesouro” (8,27). Poderosos se crêem no direito de mandar perseguir (9,1.14,21). Mas, vida não leva jeito quando manda a tal prata ou quando a autoridade se arroga o direito de decretar “extermínio” (9,21). É que “prata e ouro” (3,6) não têm poder onde brotam os sinais do Espírito. É preciso ter em mente esta temática de prata e prepotência, que perpassa nossos capítulos.

Igualmente impressiona a insistência com que se fala das comunidades de “homens e mulheres”. Ela está em 8,3 e 9,2 (e também em outras passagens, como em 5,14). Em 9,41 as viúvas são destacadas na comunidade. As comunidades do Jesus Messias são sinais novos por este seu caráter inclusivo, também para os de fora.

O etíope (8,26-40) está no caminho e o continua. O encontro com Filipe é, pois, uma cena no caminho. Isso parece merecer destaque. Tem até algo de simbólico.

Referimo-nos a que já está lendo Isaías. E já vem de Jerusalém, onde, como eunuco e estrangeiro, tinha seu lugar de acordo ao prenúncio de Isaías 55,1-10: o eunuco tem seu “memorial” em Israel. O etíope está, pois, no caminho.

No encontro com Filipe, a Escritura se abre ainda mais: o escravo mencionado em Isaías 53 é o Jesus, crucificado e ressuscitado. Neste sentido, Jesus é escravo. Neste encontro entre o “superintendente de todo o tesouro” e Jesus, este escravo, crucificado e vivo, abre-se nova vida, água de batismo para o etíope.

Saído das águas, ele “foi seguindo seu caminho”. O caminho não ficou mudado, mas o andar novo, de olho no escravo Jesus, Filho de Deus.

Este modo de testemunhar da transformação em Jesus o Messias é relevante porque ajuda a evitar que se queira desfazer os caminhos já feitos: o etíope já lê nas Escrituras, aprendidas em Jerusalém, e isto não lhe é tirado. Segue como veio, se bem que no novo horizonte do escravo sofredor, Jesus Cristo.

Bem outra é a história de Saulo, transformado em *Paulo* (9,1-19). Aí sim há uma quebra radical com o passado, com a perseguição. Querer “exterminar” outros (v.21) a mando de autoridades (v.1) é um caminho inviável. Não se pode continuá-lo.

Aí é preciso “cair em terra” (v.4). Poder de morte não leva à vida, negras e negros sabemos disso. Só se pode mesmo é desejar o fim dessas máquinas de morte, como a escravidão. O faraó, lá no êxodo, sucumbiu no fundo do mar (Êxodo 15)!

Mas, o capítulo 9 não só dá realce à transformação profunda da vida de Paulo. Igualmente nos chama a atenção para seu acolhimento na comunidade. Aliás, este é o assunto de toda a segunda parte do capítulo. Ananias o chama de “irmão” (v.17) e o cura. É batizado e alimentado. Discípulos “descem-no pela muralha” de Damasco (v.25). Barnabé leva-o aos apóstolos (v.27). Inclusive sua viagem a Tarso é encaminhada por eles. Paulo não só muda pessoalmente de rumo, também se insere “nas igrejas”(v.31).

A Bíblia conta muito de tal acolhimento comunitário. É que Bíblia não são só folhas, são pessoas, águas, alimentos. A Bíblia da vida é a que se faz alimento (Ezequiel 3,3).

Bíblia com festa e comida

Conta-se de uns missionários:

Fôram evangelizar, com o objetivo de levar a salvação.

Abriram sua primeira igreja. Tinham aprendido a falar a língua local e convidaram a população do lugar para ir à igreja. Compareceram quinze pessoas. Quando o serviço religioso terminou, dirigiram-se rapidamente à entrada do templo para ouvir as primeiras reações do povo. Quando eles perguntaram se voltariam no próximo domingo, a resposta foi um não bem claro. Ao perguntarem por que não, as pessoas responderam que estavam acostumadas a prestar culto de outra maneira. Disseram que deveria ter sido abatido um boi, ter havido arroz e muita comida e bebida, que deveriam ter sido tocados os tambores, com danças e cantos. Afinal, Deus os amava. E estavam cientes deste amor, porque Deus lhes dera suas vidas; dera-lhes os filhos e as filhas; dera-lhes o sol e a lua, a chuva e a colheita, as roupas e a cerveja.

Os missionários saíram de lá, pensando que não tinham sido compreendidos.

Encontramos nessa experiência missionária vários detalhes significativos que nos colocam no cerne da questão: Estamos acostumados a “prestar culto de outra maneira - deveria ter havido arroz e muita comida e bebida e deveriam ter sido tocados os tambores, com danças e cantos”. À primeira vista, parece que faltaram vários elementos, se assim podemos falar. Mas, olhando com maior profundidade, podemos talvez concluir que para as pessoas que participaram dessa celebração “faltou tudo”! Nada ou quase nada da vida deles tinha entrado no serviço litúrgico. Nada tinham oferecido, partilhado, trocado.

Bíblia está ligada à comida.

SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 10-12

Festa é culto

Caruru é comida tradicional baiana. Além de fazer parte da culinária baiana, está ligada ao culto afro-brasileiro que todos os anos é oferecido ao Santo no mês de outubro.

A comida no culto tem uma dimensão do sagrado e comunitário. Para se fazer um caruru, é preciso a participação da comunidade. Sem ela é quase impossível.

20

Morei numa comunidade em que no mês do caruru todos eram mobilizados: crianças, jovens, adultos e velhos, homens e mulheres. Todos são importantes nesta árdua tarefa. Quem vai fazer as compras? O que vai ser comprado? Quem faz a lista? Quem vai trazer as compras?

São essas perguntas que dão o início ao movimento para o trabalho. Vai aparecendo gente de todo canto. Feitas as compras, agora é o fazer. Precisa-se de gente para cortar o quiabo. E vem gente para matar e tratar os galos e as galinhas, para catar o feijão e o arroz, e colocar de molho. Faz-se o acarajé e o abará. Descasca-se a cana e é cortada em pedaços. Na cozinha se faz de tudo o que é de cozinhar. Vem quem vai mexer o vatapá e o caruru para não embolar, nem pegar no fundo da panela.

E a comunidade participa, cada um com a sua possibilidade no trabalho, com muita alegria e satisfação.

Depois da partilha do trabalho é chegado o grande momento da festa. É preciso que a casa ou o barracão esteja cheio de gente. Começa a festa com a manifestação dos Santos e finaliza com a partilha da comida. Ninguém pode sair sem comer. E todos comem. Não é preciso convites. Todos estão convidados e a festa só termina quando tudo termina.

Na religião afro não há culto sem comida. Festa é culto. Sim, comida é alimento pleno.

Partilha, palavra e missão

Na comida se revelam atitudes profundas. Na caminhada bíblica latino-americana esta relação entre comida e Bíblia se mostra mais e mais intensa. Lemos a Bíblia nas mesas e cozinhas e, ao mesmo tempo, a Bíblia também nos lê. Revela o que se passa no coração. E aí lembramos de uma história que aconteceu na periferia de Salvador, em Pau da Lima.

Num encontrão de formação bíblica para missionários leigos, tudo tinha sido previsto. O encontrão tinha sido programado para 75 pessoas. Cem "quentinhas" (almoços) tinham sido encomendadas. Ia ser bom demais! Mas o Espírito que parece gostar de aprontar e complicar as coisas, nesse dia soprou forte. Foi chegando o pessoal de todas as comunidades, até encher o salão. Cento e cinquenta homens e mulheres, e 25 crianças. Como resolver o problema da comida? Vai dar para todo o mundo?

Foram convidadas algumas pessoas de cada comunidade para tratar do assunto e ver como partilhar o almoço. Um falaram assim: "Nós encomendamos, queremos nossas quentinhas!" Outras disseram: "Nós vamos partilhar. Todo mundo come junto e ninguém vai sair com fome". Decidiu-se pela partilha. Todas as pessoas, em especial as crianças, receberam o seu prato. Comida sobrando, uma beleza!

No fim do almoço, chegam mais três jovens, dois rapazes e uma moça. Param diante do portão. Alguém fala com eles - "Vocês, querem o quê?" - "Queremos comida; estamos com fome!"

Na cozinha ainda tinha sobrado duas "quentinhas". E a partilha fez experimentar mais uma vez o milagre da vida. Esse milagre que tantas mulheres vêm realizar-se, na hora do meio dia, na própria casa.

Na leitura da Bíblia, descobrimos que Deus nos oferece a sua palavra, o pão de cada dia e abre o coração para todo o tipo de fome: de pão e de justiça!

Passemos das "quentinhas" de Pau da Lima, para Cesaréia, para a casa e a mesa de Cornélio. Lá está soprando uma brisa suave que vai se tornar um vendaval (10,44-46; 11,15) como aquele que aconteceu no dia de pentecostes (2,1-13).

Aderir ou perseguir?

Em parte, continuamos nas proximidades dos locais mencionados nos capítulos 8-9. As cenas se dão em Cesaréia, Jope, Jerusalém. E, em parte, situamo-nos muito além, em Antioquia (11,19-30), que a partir do capítulo 13 passará a desempenhar um papel importante.

Nos capítulos 10-11, o evento da palavra entre judeus e não-judeus é o assunto, exemplificado nas experiências na casa de Cornélio. O capítulo 12 trata da perseguição de cristãos a mando de Herodes. Entre as duas partes temos cenas em Antioquia, onde se anuncia o evangelho aos "gregos" (11,19-26), o que corrobora o acontecido nos capítulos 10-11. E temos a cena da profecia da seca (11,27-30). Esta profecia leva a que a comunidade de Antioquia envie uma ajuda a Jerusalém. Estabelece, assim, os primeiros sinais de unidade entre as novas comunidades e de origem em Jerusalém.

À primeira vista parece estarmos diante de dois temas diferentes, um nos capítulos 10-11 (comunidades entre gentios) e outro no capítulo 12 (perseguições sob Herodes). Mas, de fato, os três capítulos tratam de autoridades, nos capítulos 10-11 sob um enfoque (Cornélio adere à igreja), no capítulo 12 sob outro (Herodes persegue-a). Há aí duas posturas opostas por parte do *senhorio* em relação ao evangelho.

Nos capítulos 10-11, que agora enfocaremos, principalmente 10,1-48, o assunto predominante é a acolhida da palavra entre os não-judeus.

Um evangelho que é reivindicado, não "trazido"

Há aí muita *repetição*. É o que inclusive tem continuidade no capítulo 11. Repete-se para dar reforço, para valorizar. Afinal, este capítulo 10 leva como tema uma das questões fundantes das comunidades do Espírito: nelas pessoas sem origem judaica tinham pleno acesso!

Repete-se, particularmente, para assinalar, para fazer aparecer as coincidências e os encaixes. A impressionante novidade, ou seja a de que "também os gentios haviam recebido a palavra de Deus" (11,1), foi provocada pelo próprio Espírito Santo. É dele esta opção. O estilo literário do capítulo 10 dá espaço a que nós leitores e leitoras o percebamos. Repetições e coincidências são os recursos literários que passam esta idéia.

Quem muda de opinião é *Pedro*, se bem que ele já estivesse neste caminho. Quem se hospeda em casa de curtidor, já está rompendo com as leis de pureza. Não foi fácil que Pedro mudasse! Foi convencido pelos caminhos do Espírito, pela hospitalidade do curtidor, de Cornélio, por visão e pensamento. Foi-se "dando conta" (10,34). Acolhidas e comidas deram-lhe novas idéias. Muitos sinais apontam na direção desta nova decisão em prol dos gentios. De todo modo, no capítulo 10, Cornélio e sua casa são decisivos na conversão de Pedro.

Na casa de Cornélio ocorre um *pentecostes*, em meio aos não-judeus. Este dom do Espírito não desconecta as pessoas de suas relações com o judaísmo, em que Cornélio já estava inserido (10,2). Ele é "temente a Deus" e também solidário com os necessitados. O Espírito que abre novos horizontes não apaga caminhos já andados.

Casas hospitaleiras e mesas compartilhadas foram por onde passaram estes novos caminhos. De tão decisivos que foram, merecem mais um destaque especial através do que segue.

Um divisor de águas

Atos 10,1-18 é o maior trecho narrativo da obra lucana e tem função chave. O livro de Atos narra o testemunho missionário "a partir de Jerusalém, por Judéia e Samaria, até os confins da terra" (1,8). Em nossos capítulos, testemunho e palavra chegam a Cesaréia, centro do poder romano na Palestina e lugar decisivo para a passagem para além dos limites de Israel (11,19-20). Estamos num divisor de águas. O assunto vai ser retomado por Pedro no capítulo 15 onde ilumina e indica os caminhos de Deus, o conhecedor dos corações (15,8).

Assistimos a um quadro de grande beleza e riqueza. O texto é muito bem tecido, articulado em visões que se sucedem e se interconectam. Há, como víamos, muitas repetições, apresentadas intencionalmente para destacar, dar ênfase, para que não paire a menor dúvida sobre o que se quer dizer. Um dos aspectos que se quer afirmar, justamente para reforçar o que vem sendo dito desde o começo do livro, é que as comunidades são experiência de partilha de pão: "partiam o pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração" (2,46). Portanto, nestes nossos capítulos tão chave alimento e mesa têm função central.

Cozinha e mesa fazem a diferença

Casa e comida formam parte das coisas aparentemente mais corriqueiras e sem importância. Porém, estamos diante do cerne da questão. Na casa, cozinha-se a vida. A história dos povos passa pela cozinha. Só as pessoas íntimas têm acesso a ela. Cozinha e mesa são espaço de intimidade, na Bíblia e na cultura negra.

Na casa de Cornélio cozinha-se o futuro da missão: até Jerusalém chega o cheiro! “Entraste em casa de incircuncisos e comeste com eles!” (11,3) - é disso que um grupo acusa a Pedro. Na mesa nos juntamos, mas também corremos o risco de nos dividir, quando não nos concedemos a comida, uns aos outros, umas às outras.

SUBSÍDIOS PARA ATOS DOS APÓSTOLOS 13-15

Novas e importantes decisões

Parte das cenas do capítulo 9 transcorre fora de Jerusalém; têm lugar em Damasco, Lida, Joje. Os capítulos 8-9 já se situavam na *dispersão*.

A partir do capítulo 10 são enfocados os temas colocados por esta presença de comunidades na dispersão. Novos lugares resultam em novos enfoques. A questão candente é a que surge com os não judeus que passam a integrar as comunidades (capítulos 10-11).

A partir do capítulo 13 novos debates são realçados. São trazidos à tona pela atuação de Paulo e Barnabé, em novos locais. As questões se afunilam para as relação das *novas comunidades em novos locais constituídas por outras pessoas com a comunidade de origem*, em Jerusalém. No capítulo 15 tais desencontros estão no auge.

As controvérsias eram realmente básicas. As *decisões* a serem tomadas, outras e *fundamentais*.

Questões vitais

A caminhada das comunidades de Atos dos Apóstolos está marcada por um crescer de encontros e desencontros bem reais entre os grupos culturais diferentes (capítulo 15). Chama a atenção a coragem de enfrentá-los (v.22). Comunidades se envolvem (v.2-3.22). Anciãos e apóstolos procuram discernir onde sopra a vida e se encontra a salvação para os de perto e os de longe (v.11), sem distinção de pessoas, como o próprio Pedro proclamara diante de Cornélio (10,34-35).

Estamos diante de um ponto crucial. Circuncisão sim, circuncisão não? Os que chegaram da Judéia ensinam: “se não vos circuncidardes segundo a lei de Moisés, não podereis salvar-vos” (15,1). O conflito é frontal. Mexe com as raízes da vida. O conflito é vital para as comunidades e para a missão. Várias posições à procura de solução (v.5-21).

Ontem e hoje

Também hoje no encontro com a cultura negra, colocam-se questões fundamentais: o africano pode ser autenticamente africano e autenticamente cristão? Podem ser reconhecidos válidos a religião tradicional africana e o culto dos ancestrais, dos antepassados? Na religião tradicional africana os ancestrais são a fonte vital.

A relevância significativa dos ancestrais, em toda a vida da pessoa, da comunidade e da religião, fica clara em dois depoimentos pessoais. O primeiro é da Mãe-de-Santo do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (Salvador-BA), Mãe Stella de Oxossi: “os ancestrais são o ponto básico de nossa religião”. O segundo é de um teólogo bispo africano: “a questão do culto dos antepassados deveria ser considerada com

bastante seriedade. O culto dos antepassados desempenha um papel muito importante na vida do meu povo. Na vida, tudo está ligado aos antepassados. O nascimento de uma criança, a doença, a sorte, a fortuna, a riqueza, o matrimônio, o divertimento, etc. Em todas estas situações é invocada a intervenção dos antepassados. Aos cristãos da África deveria ser consentido venerar com liberdade e abertamente os próprios antepassados, como parte integrante da sua vida cristã, de modo que possam ser cristãos autênticos e africanos autênticos." (Bonifatius Haushiku)

Os antepassados moldam a vida em todas as suas dimensões, por isso são ponto chave da evangelização e missão nas culturas africanas.

A experiência religiosa dos orixás, aqui em Salvador, está profundamente relacionada com os antepassados. A vida de cada um, hoje, está inserida na dos antepassados. Os orixás fazem experimentar esta comunhão com a tradição. Para poder sobreviver, na escravidão, foi fundamental poder estar enraizado neste mundo dos antepassados. Afinal, o mundo de então, o da escravidão, era insuportável. E aí os antepassados na forma do convívio com os orixás eram/são resistência, esperança.

Dito isso, continuemos a observar as questões vitais em jogo em Atos 15.

Diferenças de convívio

Este capítulo é mesmo *vital* em Atos. Para sua compreensão é preciso olhá-lo de vários ângulos, o que aqui, obviamente, não se poderá fazer.

Em círculos bíblicos nestas terras latino-americanas este capítulo é muito querido. Pessoas têm dito: "Viu, a comunidade resolve." Por pior que sejam os conflitos, a *comunidade reunida* sempre acha um jeito! "Só que está faltando aí a mulher!" E é mesmo. Parece que neste encontro decisivo não aparece a mulher. Fala-se de "apóstolos e presbíteros". Ainda assim a mulher terá estado, pois menciona-se a igreja de Jerusalém. Mas quem escreve nosso capítulo já 'não a vê'. De todo modo, aqui a comunidade é peça chave na solução do conflito. Ela acolhe. Cria o espaço para que as diferenças se encontrem e se reconheçam em sua validade.

Há *diferenças*. No v.2 fala-se de "contenda e não pequena discussão". Houve "grande debate" (v.7). As diferenças se referem à circuncisão, parte da lei de Moisés.

Em *amor* às comunidades nascidas entre não-judeus abdica-se desta exigência. Prevalece o intuito de não "estabelecer distinção" (v.9).

E, em *amor* às comunidades surgidas entre judeus, se exige liberdade com respeito a tradições específicas, como as de não comer "carne de animais sufocados" (v.20-29).

Ambas as partes são respeitadas. Há, por assim dizer, dois grupos "vitoriosos". Uns não se sobrepõem a outros. Ambos vão aprendendo uns dos outros. Ambos podem continuar a viver, a viver com alegria.

Há que considerar que este capítulo 15 representa *uma forma peculiar de contar*. Afinal, as diferenças eram ainda maiores e agudas. Basta ler as cartas de Paulo

para ver quão intensivos eram os conflitos nas comunidades. No evangelho e nas cartas de João transparecem as polêmicas internas ainda mais impactantes. Aliás, de acordo com Gálatas 2 o desacordo entre Paulo e Pedro parece ter sido nada amistoso. Neste ambiente de discordâncias, nosso capítulo 15 promove encontros. Aproxima opiniões. O capítulo 15 é *um conto para a paz*.

Lido em Salvador, Bahia, este capítulo 15 é animador: ajuda a não temer as diferenças; é um canto de paz.

26

Comunidade em conflitos

Às vezes é como se nestas nossas terras houvesse dois jeitos de ser igreja. Numa não há conflito. Pois lá em cima, lá no alto das estruturas tudo é “resolvido” em “favor” do povo das igrejas. Noutra a gente mesmo resolve. Nós, as comunidades nos sentamos, aprendemos a nos escutar, decidimos, caminhamos, em meio a divergências e a conflitos. O novo jeito de ser igreja, é a comunidade decidindo.

Marcos era o líder da comunidade Boa Esperança, na periferia de Salvador. Nas reuniões, ultimamente andava tenso e chateado. Por vezes desabafava: “viver em comunidade é difícil demais!”

Assim falava, mas não percebia que sua maneira autoritária de levar as reuniões da comunidade afastava sempre mais gente. Fazia tudo sozinho. Os outros eram calados, ficavam apáticos. Com o tempo uns até boicotavam o trabalho de Marcos. A comunidade foi se dividindo; passou a ser um grupo de briga. Parou tudo: “O melhor mesmo é cada um cuidar de sua própria vida”. As crianças foram ficando sem a sua refeição comunitária. A briga ficou maior que a fome.

Os cultos sobraram como único lugar sem briga e como algo de respeito. Foram umas mulheres que tomaram a iniciativa; na celebração convidaram todo mundo para uma reunião. Oraram muito pelo encontro. Aconteceu no sábado de aleluia. E foi de discussão, viu? Cada qual pôs para fora ressentimentos e raivas.

Enfim, viu-se que muitas questões não passavam de probleminhas de fácil solução. Eram desentendimentos pessoais. Podiam ser evitados. Para isso foi nomeada uma comissão, o Comitê da Paz. Depois se propôs retomar o Sopão da Criança. Foi tirada uma comissão, a Comissão da Sopa. Até mesmo se fez um pequeno relatório do encontro para ser entregue a todas as pessoas daquele bairro, sob o título Documento da Esperança.

Depois da reunião, as conversas se foram prolongando... Seu Demerval mandou sua versão: “Cá entre nós existem grupinhos demais. A gente precisa se respeitar. Aí a coisa dá jeito”. Dona Amália entrou: “Tem mais. Um grupo não é um lote a ser defendido, ninguém podendo entrar. Vamos abris as portas!” É também a hora de Amanto: “Gostei. Temos que colocar tudo no seu lugar. Primeiro as crianças! Mas, também precisamos ajudar quem vem chegando para nossa vilinha. Está aí chegando um casal do interior. Quem ajuda fazer o barraco no outro sábado?”

Comunidades têm forças “escondidas”. Levam-nas a ser criativas. Achem soluções. Deste jeito vamos experimentando a brisa e a obra do Espírito.

Mais recentemente temos encontrado um novo desafio no caminho das comunidades. Ainda não encontramos uma luz forte e clara para iluminá-lo, mas vemos a necessidade, a “precisão” como diz o povo, de encontrar encaminhamentos.

Encontros, desencontros

Nestes últimos anos a relação entre comunidades de terreiro e comunidades de base está na ordem do dia, no Brasil.

Esta relação, no meio do povo, vem de longe. Não é nada novo. Novo é que cada vez mais é colocada sobre a mesa. Não se ignora o assunto, não se fala a baixa voz. Circula, de modo honesto. Já não fica encoberto. E isso é um enorme ganho. Abrir os olhos é melhor que querer tapá-los.

Nos encontros intereclesiais, em nível nacional, algumas cenas foram até bastante debatidas, como naquele encontro, em que estavam presentes, em um mesmo palco, representantes de igrejas e de religiões indígenas e afro-brasileiras. Mas, tal imagem já não é algo isolado, coisa só de autoridades religiosas. Faz parte do cotidiano das pessoas. Nas ruas e no trabalho, nas casas e nas vizinhanças, convivemos e, também, aprendemos uns com os outros.

Não se trata de misturar sem critérios, mas de diferenciar e aprender a, modestamente, olhar a vida de lugares novos, do lugar do outro.

